Complexo de Lacan: RSIΣ

Jairo Gerbase

Lacan estava habituado a operar com um sistema de três termos e fazia um desenho muito simples de trançar três fios, que chamava de tritrança, com o qual obtinha seis junções. Obtém-se figura homóloga quando se ata os três elos – RSI.

Ao introduzir o quarto registro, o sintoma, ele avança da tritrança para a quatrança, uma figura com quatro fios, com a qual obtém doze junções. É o que também se obtém fazendo o nó de RSIΣ.[1]

RSIΣ – o Real, o Simbólico, o Imaginário e o Sintoma – são instrumentos por intermédio dos quais abordamos a realidade. Abordando a realidade por intermédio dos quatro registros, estamos atualizando a abordagem da realidade pelas quatro identificações.

É, parece-me, o que Lacan sugere quando apresenta a questão de como designar de maneira homóloga as três identificações distinguidas por Freud – a identificação histérica, a identificação ao pai e a identificação ao traço unário – e como repartir as três inversões de toros, homogêneos em sua prática, e que, além disso, mantêm a simetria entre um toro e outro.[2]

Como se dá essa abordagem da realidade por intermédio dos quatro registros, ou pela relação do mesmo ao outro à qual chamamos de identificação?

Há uma dimensão imaginária da identificação, o que quer dizer que ela não se restringe ao uso do significante, que também utiliza a imagem, na qual está implicado o olhar.

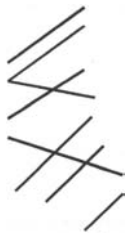
Há um gozo do olhar que num primeiro tempo Lacan chamou de gozo especular, de assunção jubilatória da imagem especular pelo ser *infans* antes da identificação com o outro e antes de ser sujeito de linguagem: é sua tese do *Estádio do espelho*[3]; posteriormente, chamou de gozo escópico, do olhar como o avesso da consciência: é sua tese do olhar como objeto *a* minúsculo.[4]

[1] Lacan. Le réel continue l'imaginaire (18/01/77) (1977, p.5)

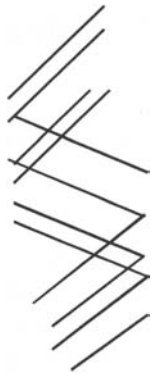
[2] Lacan. Les identifications.(16/11/76) (1976, p.9)

[3] Lacan. O estádio do espelho como formador da função do eu (1998, p. 97)

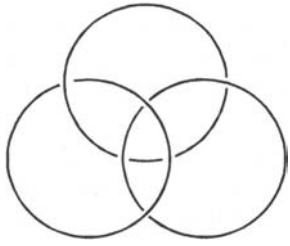
[4] Lacan. A anamorfose. (19/02/64) (1990, p. 83)



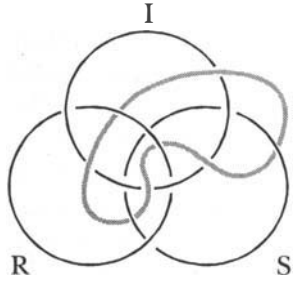
tritrança



quatrança



RSI
estrutura paranóica



RSIΣ
estrutura neurótica

Há, por exemplo, o gozo de ver que dá origem ao afeto de inveja. O exemplo clássico de Santo Agostinho é o menino que vê seu irmãozinho colado ao seio da mãe, com um olhar amargo que tem nele mesmo o efeito de um veneno. Mas isso não significa que aquele objeto tenha para ele nenhum valor, pois não se trata de ciúme, trata-se apenas da função do olhar, do gozo de ver, que não deve ser confundido com nenhuma intenção de posse do objeto. A inveja faz o sujeito empalidecer diante da imagem de uma completude do outro, do fato de o objeto *a* poder ser para um outro aquilo com que ele se satisfaz.[5]

[5] *Ibid*, p. 112.

A identificação não é o ato de tomar a posse de algum traço do outro. O gozo de ver é um dos modos de abordagem da realidade. Aborda-se o mundo, entra-se em relação com o outro por intermédio da imagem, do olhar. Este modo de abor-

dagem da realidade é um "modo geométrico" e é necessariamente corporal.

Pode-se especificar ainda mais a dimensão do imaginário. Podem-se colocar todos os corpos, de uma maneira geral, na dimensão especular, mas, quanto ao nível escópico, pode-se dizer que esta dimensão é uma exclusividade do corpo humano. Isso supõe considerar a dimensão imaginária escópica como subsumida ao significante. O que podemos generalizar para todo animal é o nível especular, mas quando introduzimos o nível escópico já está implicado o conceito de pulsão de ver. Vale para todo animal a função do olho, mas não a do olhar, porque esta já é uma função pulsional, portanto, uma função significante.

Quer dizer que temos esse aparelho de identificação, esse aparelho de constituição da mente que é o Imaginário e que pode também ser denominado de aparelho narcísico, de aparelho corporal. No exemplo da colegial[6] que teve uma crise por identificação de participação com a sua colega, não se pode dizer que ela queria ter um desenlace da mesma natureza. Pode-se dizer que ela se punha no mesmo lugar da outra. Pode-se dizer que a tomava por semelhante, que é uma propriedade do imaginário.

[6] Freud. Psicologia do grupo e análise do ego (1921) (1976, p.135).

Há um apetite do olho que pode maldizer, que pode ser maldito. A tradição chama isso de mau-olhado, querendo indicar que há uma força do olhar que pode maldizer aquilo que vê. O melhor exemplo é aquele do delírio paranóico de vigilância, de estar sendo vigiado: o sujeito não pode mais sair à rua porque está sendo vigiado, perseguido, mas sabemos que é o seu próprio olhar que está vendo o outro, sabemos que ele não está sendo visto, mas que está vendo-se visto.

Quero denominar a imagem, o olhar, o imaginário, de aparelho de gozo escópico, dado que Lacan diz que a realidade é abordada com os aparelhos de gozo, e ainda acrescenta que aparelho não há outro senão o da linguagem, que é assim que o gozo é aparelhado.[7] Quero também distinguir quatro aparelhos de gozo, de abordagem da realidade.

[7] Lacan. Aristóteles e Freud: a outra satisfação (13/02/73) (1985, p. 75)

Passemos ao segundo, ao aparelho Simbólico, ao aparelho de gozo vocal. Nesse caso é mais fácil notar em que medida o significante é um instrumento de abordagem da realidade, pois entramos na dimensão especificamente humana.

Há um só corpo animal que é sensível ao significante. Essa sensibilidade Freud denominou de pulsão. Lacan a definiu como a ressonância de um dizer em um corpo, sob a condição de que esse corpo lhe seja sensível.[8]

[8] Lacan. Le sinthome et le père. (18/11/75) (1976, p. 9)

Somente o corpo humano é sensível à pulsão. Com o aparelho do Simbólico entramos na dimensão do corpo que está programado para ser sensível ao significante. Digamos que apenas o corpo humano está programado para ser sensível à função da voz. Só podemos falar em pulsão quando o corpo é sensível ao significante.

Este é um argumento rigorosamente lacaniano. Não adianta falar para um corpo de um cão porque não se vai obter dele senão um latido. Falar é uma propriedade exclusiva desse bastão furado – o corpo humano – cuja propriedade principal é a de ser sensível ao significante.

O terceiro nível de abordagem da realidade é a dimensão do Real. Costumamos defini-lo como a dimensão do inefável, do indizível, a dimensão do impossível.

Há aí um saber que não se deixa abordar. Lacan quis fazer o real continuar o imaginário, e uma de suas referências em Freud é a do corpo como genes, programação.

> Vemos como o germe de um animal vivo é obrigado, no curso de sua evolução, a recapitular (mesmo se de maneira transitória e abreviada) as estruturas de todas as formas das quais se originou, em vez de avançar rapidamente, pela via mais curta, até sua forma final [...] As células germinais, provavelmente retêm a estrutura original da matéria viva e, após certo tempo, com todo o seu complemento de disposições instintuais herdadas e recentemente adquiridas, separam-se do organismo como um todo. [9]

[9] Freud. Além do princípio do prazer (1920) (1974, p. 54).

A estrutura que vai determinar a forma do corpo humano está previamente programada. Há um saber no corpo que é previamente programado; por exemplo, que o corpo humano será sensível ao significante. Há um real do corpo que é, na realidade, o que se tenta abordar com os outros aparelhos.

Com o aparelho de gozo imaginário, com o aparelho de gozo simbólico, tentamos abordar o real. O real, então, joga no sistema de quatro dimensões como um saber inefável que o aparelho de gozo imaginário, o olhar, e o aparelho de gozo simbólico, a voz, tentam abordar.

Vou agora ao último nível de abordagem da realidade. O aparelho mental que estamos tentando construir exige uma outra dimensão, a do sintoma, posto que, abordar a realidade com os aparelhos de gozo não quer dizer capturar os objetos do mundo exterior, como no ato de percepção. Com esses dois

aparelhos de gozo, o escópico e o vocal, o imaginário e o simbólico, estamos tentando abordar essa dimensão do inefável do corpo, a dimensão do real.

Um recurso a mais para dar conta desse indizível é necessário, porque o imaginário não pode mostrar tudo, assim como o simbólico, que esperávamos pudesse tudo dizer, não pode dizer tudo. Falta um significante, e porque falta um significante, não pode haver relação. Voltamos ao mesmo e ao outro, ou à questão crucial do conceito de identificação. Não há relação entre o mesmo e o outro, a não ser pelos aparelhos de gozo. No entanto, o aparelho do imaginário não foi suficiente para fazer a relação entre o mesmo e o outro existir, o aparelho do simbólico não foi suficiente para fazer a relação entre o mesmo e o outro existir. É por isso que Lacan foi levado a dizer que tudo deve girar em torno do gozo, e quis criar esse campo do gozo, quis fazer todos os outros discursos girarem em torno do gozo[10].

[10] Lacan. O campo lacaniano (11/02/70) (1992, p. 77).

Dado que o imaginário é um aparelho de gozo que não dá conta dessa relação entre o mesmo e o outro, dado que tampouco o simbólico faz a relação sexual existir, Lacan propôs que com o sintoma isso seria possível.

> No nível do sintoma não há equivalência sexual, isto é, há relação sexual. Dito de outra maneira, não há relação sexual a não ser onde há sintoma. O outro sexo é suportado no sintoma. O sintoma é o outro sexo. Uma mulher é um sintoma para um homem. E dado que o sintoma se caracteriza pela não equivalência, o homem é para uma mulher coisa bem diferente de um sintoma, o homem é para uma mulher uma devastação.[11]

[11] Lacan. Paroles imposées (17/02/76) (1976, p. 20)

Cabe perguntar se é verdade que o sintoma é um aparelho mais eficaz do que o olhar e a voz, na resolução da relação sexual. Essa é a hipótese que eleva o sintoma à dignidade de um registro, que o coloca na mesma dimensão do imaginário, do simbólico e do real e exige a subsunção dos outros conceitos psicanalíticos ao conceito de sintoma.

Este é o ponto fundamental da generalização do conceito de sintoma. O sintoma é um modo de gozar, é uma metáfora de uma satisfação pulsional, que funciona como um aparelho de abordagem da realidade. Tal como o gozo escópico, tal como o gozo vocal, o corpo pode fazer uso de outro instrumento chamado sintoma, com a mesma função de fazer existir o laço social. E o discurso histérico é o exemplo modelar disso.

Foi necessário, portanto, avançar da tritança para a quatrança, de RSI para RSIΣ, para forjar um aparelho de abordagem da realidade, notadamente porque RSI é uma estrutura paranóica, uma estrutura na qual os três círculos têm a mesma consistência. RSIΣ, por seu turno, é uma estrutura neurótica, na medida em que os três estão ligados por um quarto, o sintoma, que muda a consistência dos outros três. O que Lacan justificou dessa maneira:

> Houve um tempo em que avancei em uma certa direção, antes que estivesse na da análise, com minha tese sobre a psicose paranóica e sua relação com a personalidade [...] a psicose paranóica e a personalidade não têm relação porque são a mesma coisa. Na medida em que um sujeito enlaça a três I, S e R, só é suportado por sua continuidade, os três têm a mesma consistência, e é nisso que consiste a psicose paranóica. Aos três paranóicos ISR se poderia atar como sintoma um quarto termo que se situaria como personalidade distinta das três personalidades precedentes e seu sintoma. Tal cadeia não será mais paranóica. A floculação terminal possível de quatro termos nessa trança que é subjetiva nos permite supor que, na totalidade da textura, há certos pontos elididos, que com esse nó de quatro se encontre o termo. É nisso que consiste o sintoma, não enquanto personalidade, mas na medida em que, em relação aos outros três, se especifica como sintoma e neurótico.[12]

[12] Lacan. Le pourquoi de ma recherche (16/12/75) (1976, p. 7)

Foi necessário proceder a essa *démarche* em direção à topologia quando Lacan concebeu o sintoma como uma estrutura topológica. Sua experiência o obrigou a reconhecer no sintoma uma função especial de nó, uma função que faltava à estrutura borromeana.

A propriedade fundamental do nó borromeano é que é impossível desfazer um dos círculos sem que os dois outros sejam liberados. Isso o levou a procurar um outro modo de atar esses registros, que é sua tópica do aparelho mental.[13]

[13] Assim como Freud formulou sua segunda tópica – IES (Id, Ego e Superego), Lacan formulou sua tópica do funcionamento mental: há uma dimensão Simbólica, uma dimensão Imaginária e uma dimensão Real do funcionamento dos discursos – SIR. Para Lacan o mental é o discurso.

Ele sentiu necessidade de anular a propriedade borromeana do nó, de tornar essa estrutura mais solidária. Caso contrário, a estrutura mental estaria sempre sob o risco de ser desfeita. Quando se desfaz, por exemplo, a dimensão do imaginário, uma psicose pode ser declarada.

Portanto, tentando verificar se realmente a análise poderia levar o *falaser* a possuir uma estrutura mais solidária, em que cada um dos registros contribuísse para dar mais estabilidade ao sistema, propôs atar essa estrutura com um quarto nó que chamou de sigma (S), o sintoma.

A partir daí, amarrado por esse quarto elo, se agora se corta um elo, o nó não se desfaz, a propriedade borromeana não se verifica, e era isso o que, do ponto de vista topológico, ele perseguia.

Supondo que a análise deveria fomentar essa solidariedade, Lacan se obrigou a dar uma definição do fim de análise que implicasse o sintoma, uma definição do fim de análise como uma identificação ao sintoma. Isso o reconduziu ao conceito de identificação, o fez reeleger um léxico que havia trabalhado quinze anos antes.[14]

[14] Lacan. *O seminário: A Identificação (1961-1962).* O Seminário 24 é uma retomada, desta vez do ponto de vista topológico, do conceito de identificação.

Notem que na elaboração derradeira de Lacan é o sintoma que vai dar consistência ao aparelho mental. Esse quarto anel, Freud chama de realidade psíquica e a faz equivaler ao complexo de Édipo. O complexo de Édipo está implícito no nó de modo a atar os outros três.

Notem que a idéia de Lacan é que o complexo de Édipo é um nó tal como o sintoma que enlaça RSI. Para obter esse nó é preciso fazer passar, em dois pontos, por cima o que estava por baixo. É preciso que o real passe por cima do simbólico em dois pontos e é disso que se trata na análise.

Passar por cima não deve ser entendido no sentido imaginário, acreditando-se que o real domina o simbólico. Passar por cima é um modo de atar. Entre real e simbólico não se trata de mudar de plano, trata-se de atá-los de outro modo. Esse outro modo de atar é o essencial do que Freud chama complexo de Édipo, e é nisso que a análise opera. Logo, o complexo de Édipo é, segundo essa referência, um outro modo de fazer laço entre RSI, e dessa forma, saímos completamente da referência ao mito.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: *Edição Standard Brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XVIII.

FREUD, Sigmund. Psicologia do grupo e análise do ego (1921). In: *Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Vol. XVIII.

LACAN, Jacques. *O seminário: A Identificação* (1961-1962). Inédito.

LACAN, Jacques. A anamorfose. (19/02/64). *O seminário – livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

LACAN, Jacques. O campo lacaniano. (11/02/70). *O seminário – livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. Aristóteles e Freud: a outra satisfação. (13/02/73). *O seminário – livro 20: Mais ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2ed., 1985.

LACAN, Jacques. Le sinthome et le père. (18/11/75). Séminaire XXIII. Le Sinthome. *Ornicar?*.Paris, n.6, 1976.

LACAN, Jacques. Le pourquoi de ma recherche. (16/12/75). Séminaire XXIII. Le Sinthome. *Ornicar?* Paris, n.7, 1976.

LACAN, Jacques. Paroles imposées. (17/02/76). Séminaire XXIII. Le Sinthome. *Ornicar?* Paris, n.8, 1976.

LACAN, Jacques. Les identifications. (16/11/76). Séminaire 24 L´insu que sait de l´une-bévue s´aile à mourre. *Ornicar?* Paris, n.12/13, 1976.

LACAN, Jacques. Le réel continue l´imaginaire. (18/01/77). Séminaire 24 L´insu que sait de l´une-bévue s´aile à mourre. *Ornicar?* Paris, n.15, 1977.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

resumo

Este texto faz parte de uma tetralogia: complexo de Édipo, complexo de Hamlet, complexo de Dimitri e complexo de Lacan. O primeiro trata da demonstração de que o paradigma da psicanálise não é o complexo de Édipo. O segundo trata da demonstração da irredutibilidade de Hamlet a Édipo. O terceiro trata da demonstração da irredutibilidade de Dimitri Karamazóvi a Édipo. O último, objeto desta publicação, atualiza o complexo de Édipo como um sintoma que, como quarto nó, enoda o real, o simbólico e o imaginário e desse modo funciona como aparelho de gozo, como aparelho de abordagem da realidade. O texto é um exercício de demonstração do que denominamos de "ir além do Édipo", de nos permitir abandonar completamente a referência ao mito. O título – complexo de Lacan – deve-se ao fato de que se trata dos seus três – RSI – mais seu sintoma – Σ.

palavras-chave

Édipo, Real, Simbólico, Imaginário, Sintoma.

abstract

This article is part of a tetralogy dealing with: the Oedipus complex, the "Hamlet complex," the "Dimitri complex" and the "Lacanian complex". The first one deals with the fact that the paradigm of psychoanalysis is not, in fact, the Oedipus complex. The second one deals with the fact that the Hamlet complex is not reducible to the Oedipus complex. The third one demonstrates that the Dimítri Karamazóvi is not reducible to Oedipus. The last one, the theme of this publication, updates the Oedipus complex as a symptom, describing it as a fourth knot, which ties the Real, the Symbolic and the Imaginary, and thus functions as a source of *jouissement* and a structure for apprehending reality. The article demonstrates what we call " going beyond Oedipus" and how this dispenses completely with any reference to the myth. The title, "Lacanian complex," is derived from his three "RSI " concepts, together with his symptom - S.

key words

Oedipus, Real, Symbolic, Imaginary, Symptom.